

## A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA BIOGRÁFICA EM “MARIA BONITA: SEXO, VIOLÊNCIA E MULHERES NO CANGAÇO”, DE ADRIANA NEGREIROS

THE CONSTRUCTION OF BIOGRAPHICAL NARRATIVE IN “MARIA BONITA: SEX, VIOLENCE AND WOMEN IN THE CANGAÇO”, BY ADRIANA NEGREIROS

Recebido:04/10/2023 Aprovado: 30/11/2023 Publicado: 29/12/2023

DOI: 10.18817/rlj.v7i2.3540

Ingrid Lopes Rodrigues Piauilino<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6303-3411>

Andrea Teresa Martins Lobato<sup>2</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9066-2064>

**Resumo:** Maria de Déa, popularmente conhecida como Maria Bonita, é uma figura histórica de grande destaque no contexto do cangaço brasileiro. Nesse sentido, Adriana Negreiros (2020) opta em reescrever a história não somente de Maria Déa, mas também de diversas mulheres que foram obrigadas a participarem do cangaço. Surge, assim, a obra “Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço” para oferecer voz aos relatos antes desacreditados e/ou oprimidos. Além disso, observa-se que este livro se enquadra no Jornalismo Literário, gênero que converge fatos da realidade e estratégias da literatura – como a narração, a construção de personagens e recursos estilísticos. Dessa forma, tem-se como objetivos investigar a construção da narrativa biográfica no livro-reportagem “Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço”, de Adriana Negreiros; estabelecer os contornos do que é o livro-reportagem em relação ao ficcional; analisar o foco narrativo da obra em questão; perscrutar as especificidades da construção da personagem Maria Bonita. Assim, utilizou-se metodologia de cunho qualitativo e bibliográfico, visto que ambas possibilitam uma melhor análise das teorias e *corpus* selecionados.

**Palavras-chave:** Jornalismo literário; Ficção; Biografia.

**Abstract:** Maria de Déa, popularly known as Maria Bonita, is a historical figure of great prominence in the context of the Brazilian cangaço. In this sense, Adriana Negreiros (2020) chooses to rewrite the history not only of Maria Déa, but also of several women who were forced to participate in the cangaço. Thus, the work Maria Bonita: sex, violence, and women in the cangaço emerges to offer voice to previously discredited and/or oppressed accounts. Furthermore, it is observed that this book fits into Literary Journalism, a genre that converges facts from reality and strategies from literature - such as narration, the construction of characters and stylistic resources. Thus, the objectives are to investigate the construction of the biographical narrative in the book-reportage Maria Bonita: sex, violence and women in the cangaço, by Adriana Negreiros; to establish the contours of what is the book-reportage in relation to the fictional; to analyze the narrative focus of the work in question; to scrutinize the specificities of the construction of the character Maria Bonita. Thus, we used a qualitative and bibliographic methodology, since both allow a better analysis of the theories and corpus selected.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras-Português/Inglês pela UEMA e é mestranda, bolsista, em Teoria Literária (UEMA). Faz pós-graduação em Gamificação e Língua Portuguesa e Literatura no contexto educacional, ambos pela UNINTER. Também, é componente do Grupo de Pesquisa TECER (UEMA). E-mail: [Ingridpiauilinolopes@gmail.com](mailto:Ingridpiauilinolopes@gmail.com)

<sup>2</sup> Possui Doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. É Professora da Universidade CEUMA e Professora Adjunto IV da Universidade Estadual do Maranhão. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão, área de Concentração Teoria Literária. E-mail: [andreatmlobato@gmail.com](mailto:andreatmlobato@gmail.com)

**Keywords:** Literary journalism; Fiction; Biography.

## 1 Introdução

Maria Bonita se tornou um ícone da cultura popular brasileira, de tal forma que se tornou tema de cordéis, músicas, novelas e livros. A sua figura fez-se enigmática e despertou curiosidade para o público, afinal era a companheira de Lampião, o rei do cangaço, e se fez presente nos movimentos cangaceiros. Nesse sentido, Adriana Negreiros, escritora e jornalista, decidiu investigar a vida de Maria Bonita, bem como de outras mulheres que estavam com os bandos cangaceiros.

Uma das intenções iniciais da autora Adriana Negreiros, como será apresentado de forma mais aprofundada posteriormente, é esclarecer que a presença feminina no do cangaço não se deu de forma pacífica e voluntariosa. Na realidade, as mulheres inseridas no cangaço eram esturpadas, raptadas e obrigadas a se casarem pelos/com os participantes do movimento. Assim, surge o livro “Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço” (2018).

Desde o título da obra, evidencia-se que a narrativa irá partir da figura de Maria Bonita - cujo nome real era Maria Gomes de Oliveira, familiarmente conhecida como Maria de Déa - para traçar outras histórias de mulheres desse contexto. Por conseguinte, percebe-se a construção de uma narrativa cuja principal fonte são fatos históricos, advindos de jornais e entrevistas. Assim, Negreiros, enquanto jornalista, busca apresentar acontecimentos verídicos, mas, enquanto escritora, constrói Maria Bonita e outras figuras históricas, como personagens de um romance.

Nesse sentido, pode-se considerar que “Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço” vincula-se ao jornalismo literário, o qual apresenta fatos, mas não nos moldes tradicionais do jornal, ao contrário, retoma os recursos da literatura, como a narrativa, construção de personagens, diálogo, metáforas, entre outros. Logo, o *corpus* desta pesquisa é considerado um livro-reportagem e é por meio deste viés que serão realizadas as análises pertinentes.

Tendo em vista o exposto, tem-se como objetivos investigar a construção da narrativa biográfica no livro-reportagem “Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço”, de Adriana Negreiros; estabelecer os contornos do que é o livro-reportagem em relação ao ficcional; analisar o foco narrativo em “Maria Bonita: sexo,

violência e mulheres no cangaço”; perscrutar as especificidades da construção da personagem Maria Bonita.

Tornou-se, portanto, necessário trilhar pela metodologia de cunho qualitativo e bibliográfica, realizando uma revisão da literatura pertinente às temáticas citadas. Como principais autores, tem-se Bulhões (2007) e Catalão (2010), no que tange ao jornalismo literário (conceitos, características); Beth Brait (1985) a qual estabelece os conceitos e categorias de personagem dentro da literatura e Ligia Chiappini e Moraes Leite (2002), as quais debatem sobre o foco narrativo e suas divisões.

A partir disso, empreendeu-se a apresentação do referencial teórico do presente artigo e, em relação à discussão, tem-se: o livro reportagem e a ficção, assim, debateu-se sobre as relações entre o corpus e os aspectos literários presentes no jornalismo literário; a narrativa biográfica no livro já citado, explicando de que forma a autora constrói essa narrativa e, por fim, a construção de Maria Bonita enquanto personagem no texto jornalístico-literário.

## **2 Jornalismo literário no Brasil**

A Literatura Brasileira, com o fim do século XIX, perpassa por grandes mudanças. Passa-se de uma tendência romântica à uma escrita laboratorial, aproximada à realidade e com uma grave preocupação no que tange aos acontecimentos reais, distanciando-se, teoricamente, da fantasia e da imaginação.

Outrossim, o método de escrita literária começou a se aproximar da abordagem jornalística, uma vez que “sair do campo, tomar notas, documentar-se, conversar com pessoas conhecedoras de um assunto, observar etc., procedimentos defendidos por Zola, são práticas do repórter” (BULHÕES, 2007, p. 70). Em consequência também dessa corrente, existem os romances da geração modernista de 1930, a qual, além de marcada pelo seu caráter de engajamento social, priorizou uma descrição do que é real.

Um dos principais expoentes da geração de 1930, Graciliano Ramos, “afirma a postura de uma literatura de observação e aproximação com a realidade a ser matéria de sua escrita: estudar o subúrbio, a fábrica, a prisão etc.” (BULHÕES, 2007, p. 132). Assim, a literatura possuiria uma obrigação social, seja ao refratar a realidade ou ao propor transformações nela.

Portanto, percebe-se que esse possível afastamento entre Jornalismo e Literatura, na prática, não são plenamente concretizados, tendo em vista que surgem, diversas vezes, lacunas e convergências entre ambas as áreas. Logo, questiona-se, inclusive, a divisão ferrenha entre fato e ficção, uma vez que essa separação se mostra sensível.

Ademais, é notório que muitos escritores, dentre os quais Lima Barreto, Machado de Assis, Clarice Lispector, construíram certa carreira nas redações dos jornais. Portanto, muitos autores de literatura tinham como caminho inicial o jornalismo, principalmente na produção de folhetins - já existentes na escola romântica - e de crônica.

Nesse sentido, o gênero crônica recebe grande destaque nos escritos brasileiros, a partir de nomes marcantes na historiografia literária brasileira do século XX, tais como: Rubem Braga, Cecília Meirelles e Nelson Rodrigues. Dessa forma, é importante ressaltar a característica híbrida das crônicas, as quais são publicadas em jornais e têm como aspecto essencial um determinado foco temporal e cotidiano, ao mesmo tempo em que abrem espaço para uma linguagem literária que possibilita a construção de ficções. Por exemplo, Nelson Rodrigues “afirmava sua recusa ao padrão jornalístico marcado pelo efeito de impessoalidade e exatidão herdado do modelo americano. O cronista tomou o factual nas mãos para submetê-lo à transfiguração lírica e metafórica” (BULHÕES, 2007, p. 142).

O jornalismo no Brasil possuiu, principalmente a partir da década de 1950, grande influência dos Estados Unidos, que postulavam um padrão rigoroso de impessoalidade e objetividade, em que notícias eram tratadas por meio do *lead* (O quê? Quem? Como? Onde? Quando? Por quê?).

Contudo, ainda que houvesse essa forte intervenção, alguns jornais e revistas brasileiras, como a “Realidade” (1966), recusavam-se a seguir o modelo norte-americano e, por consequência, privilegiavam a presença de artifícios literários em suas publicações. Assim, tem-se a revista “Realidade” como marco inicial do jornalismo literário no Brasil, o que é acordado por todos os teóricos selecionados nesta pesquisa. E, em suma, a revista se destaca por “produzir reportagens voltadas para a realidade nacional, devido ao momento complexo em que ela surgiu” (WEISE, 2013, p. 05).

Em proposições mais atuais e após as duas guerras mundiais e as novas catástrofes que surgiram à humanidade, tornou-se necessário que o jornalismo abrisse espaço para narrativas marginalizadas. Nesse sentido,

Talvez a temática esteja em voga porque há espaço para um jornalismo que apure os fatos com sensibilidade e sem preconceitos e, ao final, surpreenda. Surpreenda pela singularidade da pauta, pelo texto que dimensiona e valoriza a essência da matéria-prima do jornalismo – pessoas e suas experiências no mundo. (NECCHI, 2009, p. 108).

Dessa forma, os debates acerca do jornalismo literário, atualmente, destacam seu aspecto humanizador por meio de teóricos como Felipe Pena, o que será visto posteriormente. Edvaldo Lima (2010) expõe que a principal característica do gênero é tratar da realidade como quem conta uma história. Em outras palavras, a narração, uma vez que isso é “uma demanda natural das pessoas (...) está ligada à velha tradição de se contar histórias. E essa tradição é universal” (LIMA, 2010, p. 37).

Portanto, “o que o jornalismo literário faz é também contar histórias, só que de um modelo elegante, articulado esteticamente (...) o texto precisa oferecer ao leitor uma experiência prazerosa de leitura” (LIMA, 2010, p. 29). Assim, biografias ou acontecimentos históricos que poderiam parecer entediantes para os leitores, são retratados com recursos da Literatura, tornando-se mais agradáveis e atrativos aos leitores.

Felipe Pena (2010), que traz uma visão mais humanizadora e solidária, em que os livros-reportagem perpassam por um compromisso cidadão para com a sociedade, enfatiza que “é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2010, p. 50). Dessa forma, esse gênero é capaz de dar lugar para classes marginalizadas e ser um motor para transformações sociais.

Assim como já foi exposto, o livro-reportagem se caracteriza pela criação de um ambiente ficcional, logo a história é apresentada como um romance. Além disso, Pena (2006) destaca o papel desse gênero enquanto um porta-voz dos relatos menos prestigiados pela sociedade – neste caso específico do objeto do presente artigo, o feminino. Portanto, “reitera-se, ainda uma vez, a tendência forte de a arte contemporânea se constituir em uma proposta intensa entre política, a ética e a estética.” (REZENDE, 2014, p. 23).

Dessa forma, “Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço” envolve questões políticas, como o feminismo, éticas e a própria construção literária, a qual se destaca pela preocupação estética. Outro ponto relevante do gênero em questão é a biografia, a obra em análise destaca-se ao selecionar uma figura importante dentro de uma comunidade e escrever sobre seus feitos e trajetória.

Portanto, para a elaboração de um livro-reportagem como “Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço”, é necessária a realização de entrevistas, checagem das fontes, revisão dos materiais, recolhimento de notícias. Nesse prisma, um trabalho ao do historiador, contudo, tal similaridade ocorre até certo ponto, já que, ao escrever, os jornalistas têm optado por uma abordagem mais lúdica e, portanto, atrativa ao público.

Este é o caso do corpus desta pesquisa. Pode-se ler no final do livro a lista de fontes utilizadas por Negreiros, porém, como será apresentado a seguir, é nítida a ficcionalização dos fatos. Caso o leitor não soubesse quem é Maria Bonita, poderia até acreditar que se trata de uma ficção, fruto do imaginário da autora.

Embasando teoricamente a perspectiva do estudo aqui descrito, o pesquisador Catalão (2010)<sup>3</sup> disserta sobre as características do livro-reportagem no contexto atual. Assim, estabelece oito categorias, sendo estas: autoria individual, narração, familiaridade, didatismo, onisciência, excepcionalidade, personificação, contemporaneidade. A partir disso, esta pesquisa irá analisar quais desses aspectos estão presentes na obra “Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço” (2018).

**Autoria individual:** Esta característica expressa que a maioria dos livros-reportagem advém “de um projeto individual do jornalista que o produzirá. É ele, o repórter-autor, quem assume o trabalho de planejamento, coleta e elaboração das informações que serão transmitidas ao pública” (CATALÃO, 2010, p. 127-128).

Dessa forma, a escolha da temática do livro

Nasce das ideias, indagações, descobertas, interesses e valores de um autor específico, de uma intencionalidade individual, e desde o delinear de seu projeto de discurso – quando estabelece a pauta –, é para a produção de um livro-reportagem que o jornalista orienta sua enunciação, o que implica engajar-se em uma situação particular de comunicação (CATALÃO, 2020, p. 128).

---

<sup>3</sup> Catalão (2020) utiliza o termo autor para explicar os procedimentos de construção da narrativa, contudo, para os fins desta pesquisa, considera-se o termo narrador, já que há diferenças entre autor e narrador.

Percebe-se que Adriana Negreiros parte de uma **intenção pessoal**, como ela afirma em entrevistas ao explicar sobre sua decisão em escrever acerca do cangaço. Ela conta que “essa escolha tem duas explicações: uma pessoal e uma política. Do ponto de vista pessoal, o cangaço sempre foi uma temática que me encantou” (NEGREIROS, 2019, p. 12). Isso se dá pela tradição de sua avó em lhe contar sobre a invasão sucedida de Lampião à Capital do Oeste Potiguar. A escritora perpassou sua infância tendo o imaginário acerca do cangaço estimulado pela sua avó.

A justificativa política se dá pelo seu ingresso no curso de Filosofia na USP, no qual a jornalista iniciou seu contato com as teorias feministas. Portanto, grandes autoras como Angela Davis provocaram nela “um senso de responsabilidade em relação ao silenciamento das narrativas das mulheres” (NEGREIROS, 2019, p. 13).

Outro interesse pessoal que também pode ser apontado é a discussão sobre a violência sexual presente na vida das mulheres, já que Adriana Negreiros em sua obra “A vida nunca mais será a mesma” (2021) relata sobre o estupro que sofreu em um sequestro relâmpago. Nesse sentido, a escrita surge em uma perspectiva social para que outras mulheres se sintam acolhidas por meio do livro e em uma perspectiva pessoal de produzir algo que a desse alegria – isto é, ter um livro publicado.

**Narração:** A segunda característica destaca a narrativa dentro desse gênero, assim, “o livro-reportagem típico dedica-se, portanto, à enunciação de um acontecimento – melhor, de acontecimentos, entretecidos na trama de uma biografia, de certo momento histórico, de determinadas ações ou de situações nucleares.” (CATALÃO, 2020, p. 130).

Analisa-se que este quesito está presente na obra, afinal se trata de uma narrativa da trajetória de Maria de Déa e outras mulheres dentro do cangaço. Para fins de exemplificação:

Apesar disso, entre os moradores das cidades ribeirinhas, a notícia da presença dos cangaceiros provocou um verdadeiro Deus nos acuda. Era como se Lúcifer em pessoa tivesse resolvido fazer daquele pedaço distante da Bahia um sucursal do inferno. Quem tivesse suas filhas que as trancasse em casa, porque aqueles demônios, tido em todo o sertão como violadores de donzelas, estavam à solta. Já Maria de Déa podia até ter medo de Lampião. Mas tinha medo maior ainda da mesmice. (NEGREIROS, 2018, p. 31).

Catalão (2020) afirma que “invariavelmente, o relato começa com a narração de uma cena ou situação vivida pelo protagonista em um momento-chave de sua trajetória.” (CATALÃO, 2020, p. 130). Contudo, esse padrão de escrita que logo em

seguida viria acompanhado da infância do biografado é rompido na obra em questão, já que esta inicia pela contextualização da vida da personagem, a qual não se enquadra como um momento-chave, mas sim a apresentação de sua vida, casamento, familiares e infância.

**Familiaridade:** A familiaridade se dá pela proximidade com o leitor, a qual é observada quando o narrador dialoga com seu leitor. Entretanto, isso não é observado dentro do livro.

**Didatismo:** É explicar algum termo, situação ou personagem, a fim de deixar claro para o leitor do que se trata, facilitando a compreensão dele. “o autor prefere sempre oferecer explicações complementares a seu respeito, especificando quem é cada um e qual seu papel no enredo” (CATALÃO, 2020, p. 138).

A autora faz isso por meio das notas de rodapé, mas também realiza isso dentro da narrativa:

Se for verdadeira a frase que Enedina reproduziria para a posteridade, pode-se dizer que Lampião não era um homem de convicções arraigadas. Um mês depois do passeio por Capelo, já de volta à Bahia, o cangaceiro parecia, de fato, disposto a ter pensão. Aquele era o fim do dia 22 de dezembro de 1929, data que entraria para a história da pequena Queimadas, localizada a trezentos quilômetros de Salvador, como uma das mais cruéis de sua existência. (NEGREIROS, 2018, p. 42).

**Onisciência:** É quando o narrador apresenta conhecimento total da histórica e faz uso de estratégias como o didatismo para convencê-lo no que está sendo apresentado, como se pode notar no seguinte trecho “a ausência de Dadá – e a certeza de que, nas mãos de Corisco, ela seria violentada – era um dos motivos de sofrimento da residência dos Ribeiros da Silva.” (NEGREIROS, 2018, p. 34). Nele, a autora apresenta sentimentos exclusivos da personagem e nos traz argumentos sobre isso.

**Excepcionalidade:** É a escolha por uma figura excepcional: “todas as biografias que o integram, por exemplo, são dedicadas a personagens excepcionais, seja por suas qualidades pessoais ou por suas histórias” (CATALÃO, 2020, p. 144). Este aspecto já foi enfatizado durante esta pesquisa, pois Maria Bonita se tornou uma grande figura dentro da cultura popular no Brasil, além de ser a mulher mais famosa a estar dentro do cangaço e ter sido casada com Lampião.

**Personificação:** Como o próprio termo diz, é a personificação de figuras históricas: “o livro-reportagem é um gênero dedicado a personagens (...), na medida

em que se trata de enunciados cujo propósito é justamente narrar as vidas de determinadas personagens” (CATALÃO, 2020, p. 146).

Assim, existe a criação de diálogos, a descrição física e psicológica das personagens:

- Não tenho moça em casa. Isso que tenho é uma menina.
  - Pois é isso mesmo que eu quero, uma menina (...)
  - Vem cá, gordinha! – chamou o louro, em tom de ordem.
  - Não vou. Não tenho o que conversar. Vou embora.
  - Venha! Tá com medo? Quem morre de medo se enterra vivo.
- (NEGREIROS, 2018, p. 32).

**Contemporaneidade:** Destina-se às informações novas e atuais apresentadas na obra. Assim, ainda que falar sobre o cangaço não seja novidade dentro da literatura, é quase inédito reformular a presença das mulheres dentro dele. Portanto, a nova informação é: ser mulher no cangaço não era diferente de ser mulher na sociedade patriarcal.

Além desses aspectos analisados, têm-se também os títulos dos capítulos do livro: Capítulo 1 – Meu Padim Pade Ciço/ Me clareie a inspiração/ Pra falar de uma mulé/ Arretada feito o cão; Capítulo 9 – Pode tê corpo de gente/ Mas gente mesmo não é/ Acho inté que não nasceu/ Das entranha de muié; Capítulo 16 – Lampião tem muita ideia/ Sua vida está segura/ Atirá nele é bobagem/ A bala bate e não fura. Estes e todos os outros títulos são compostos nesse formato de cordel, os quais demonstram um rompimento com o jornalismo comum, utilizando variação regionalista para aproximar o leitor a uma sensação de contação de história, da oralidade.

Outro ponto é o papel social do livro, em que a autora explica como a presença das mulheres no cangaço realmente se deu. Assim, rompe o imaginário comum criado por meio de jornais, filmes e livros, estes intentaram apresentar Maria de Déa como a Maria Bonita, uma líder feminina dentro do cangaço e, inclusive, como uma figura feminista. Contudo, Negreiros explica que, na verdade, existia grande rivalidade feminina, estimulada pela Maria Bonita, também.

### **3 A narrativa biográfica em “Maria bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço”**

O ato de narrar acontecimentos acontece desde sempre. Ainda na Grécia Antiga, este termo era relacionado de forma mais direta ao gênero épico “no sentido

de uma narração de fatos, presenciados ou vividos por alguém que tinha a autoridade para narrar” (CHIAPPINI, LEITE, 2002, p. 5).

Contudo, este conceito se tornou simplório para a complexidade narrativa encontrada nos livros de literatura. Assim, o narrador foi se transformando de uma autoridade que oferecia conselhos para um narrador que se esconde entre fatos ou outros narradores.

Nesse sentido, tem-se duas diferenças claras:

Na epopeia, o narrador tinha uma visão de conjunto e se colocava (e colocava o seu público) à distância do mundo narrado. O seu tom era solene (...). Já o narrador do romance – quando a narrativa se prosifica na visão prosaica do mundo, quando se individualizam as relações, quando a família se torna nuclear, quando o que interessa são os pequenos acontecimentos do cotidiano, os sentimentos dos homens comuns e não as aventuras dos heróis – perde a distância, torna-se íntimo, ou porque se dirige diretamente ao leitor, ou porque se aproxima intimamente das personagens e fatos narrados (CHIAPPINI; LEITE, 2002, p. 11-12).

Isso é observado na obra “Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço”, de Adriana Negreiros, pois o narrador se aproxima do leitor e traz a Maria Bonita enquanto Maria de Déa. Logo, valoriza-se sua figura mais intimida, seus desejos, anseios. Vale ressaltar que existe uma diferença, dentro da teoria literária, entre o narrador e o autor. Contudo, esse distanciamento é reduzido neste livro, pois é claro o posicionamento da autora ao longo da narrativa.

Além disso, utilizando a tipologia de Norman Friedman, na obra “Foco narrativo” (2007), observa-se que o narrador é a própria autora Adriana Negreiros que não afasta seus pensamentos e críticas em relação às situações da vida das mulheres no cangaço. Portanto, trata-se de um narrador em primeira pessoa, porém não é um personagem dentro da narração.

O narrador está localizado acima dos fatos, já que se trata de uma retomada histórico-literária da trajetória do cangaço. Dessa forma, observa todos os fatos e os apresenta para o leitor. Para tanto, faz uso de pensamentos e expõem os sentimentos das personagens, bem como seus papéis na narrativa: “aos olhos da sogra, além de assanhado, o rapaz era um frouxo, a ponto de certa vez ter pulado de longe quando Maria, só de traquinagem, jogou uma cobra morta a seus pés” (NEGREIROS, 2018, p. 18). Como pode ser avaliado acima, o narrador aproxima o leitor da história, traçando paralelos entre passado e presente, bem como, por meio da personificação, da narrativa, dos títulos em formato de cordel.

Para além do exposto, a autora em questão também revela na entrevista “Jornalismo literário, perfil e biografia. Conversa com Adriana Negreiros” (2020)<sup>4</sup> algumas informações relevantes a esta pesquisa. Ela afirma que percebe uma nova tendência do livro-reportagem em contar boas histórias e realizar isso com profundidade. Inclusive, cita um livro-reportagem intitulado “Praia dos ossos” (VIANNA, 2020), o qual foi realizado em formato de audiolivro, disponível no *Spotify*. Ainda que não seja o foco da pesquisa, mas se observam as novas modelações desse gênero.

Além disso, Negreiros demonstra preocupação com os ganchos narrativos para tornar a história interessante e atrativa. Novamente, o jornalismo literário faz uso dos recursos literários para proporcionar uma leitura engajante ao leitor. Um ponto interessante é o fato de a própria autora dizer que se considera uma jornalista que escreve livros, não uma escritora, assim, sente-se à vontade no seu papel de repórter. Considera seu livro, portanto, como um feito dentro do “jornalismo narrativo”. Outrossim, ela enxerga grande diferença entre Jornalismo e Literatura, considerando que o principal fator para o livro-reportagem ser considerado assim é o compromisso com a documentação e os fatos.

Existe outro fator que também influencia na narração da obra: a biografia da escritora. Na entrevista “Adriana Negreiros: ‘Todas nós sofremos violência por ser mulher’”, ela afirma que já sofreu abuso sexual. Portanto, nota-se ainda mais características que perpassam sua vida particular, política e emocional.

Assim, Adriana Negreiros oferece certo olhar feminista sobre a história, objetivando reparar o erro dos jornalistas da época do cangaço, os quais atenuaram os relatos de estupros – manifestados pelas vítimas cangaceiras. Por exemplo, Dadá que sempre falava sobre o crime sofrido, mas nunca foi credibilizada pela imprensa da época.

Maria Bonita foi construída socialmente como uma mulher guerreira e decidida, um ícone ao feminismo, afinal ela estaria no cangaço representando essa parcela da sociedade. Contudo, nota-se, como afirmado por Negreiros tanto no livro quanto em entrevistas, que “a literatura de cordel, alguns relatos memorialísticos e, sobretudo, a

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4q7JlqjGng&list=WL&index=3>

indústria cultural criaram a imagem da cangaceira como uma valentona, uma matadora, uma justiceira voraz.”<sup>5</sup> (NEGREIROS, 2018).

Em entrevista à Revista Cult, intitulada de “Nos rastros de Maria Bonita”, a escritora Adriana Negreiros comenta sobre sua estreia na literatura por meio dessa obra. Assim, Negreiros afirma que Maria Bonita “era e representava muito mais do que o posto redutível de esposa, o único com o qual era mencionada pela imprensa e pensadores do período, envoltos pelo obscurantismo machista de boa parte das décadas do século passado – e ainda presente, em certas escalas, nos tempos atuais” (NEGREIROS, 2019, p. 13).

Assim, observa-se a necessidade de um equilíbrio entre a visão do imaginário popular e a atuação de uma mulher dentro do cangaço, o que realmente foi escandalizador. Também se reforça que esse imaginário comum foi construído pelo obscurecimento informações sobre o cangaço, o que colaborou para a crença de que no cangaço homens e mulheres eram iguais.

Contudo, Negreiros mostra como essas mulheres, capturadas e estropadas ainda meninas, não tinham voz, nem direitos, nem mesmo à maternidade – já que eram obrigadas a darem seus filhos a coronéis, pois seria inviável andar com bebês chorando em meio a fugas.

Acerca do possível feminismo a ser encontrado nas mulheres do cangaço, Negreiros nega essa postura. Ela explica que “de feminismo elas não tinham nada, e considero que seria até exigir demais, cobrar demais delas uma postura feminista, naquele lugar, naquela época” (NEGREIROS, 2019, p. 13). Além disso, a autora insere momentos em que Maria Bonita ficou ao lado da injustiça, apoiando o assassinato de uma companheira de cangaço – a qual havia traído o marido.

Em relação aos motivos para criação desta obra, alguns deles já foram apresentados, entretanto, outros aspectos também são relevantes, como: “o importante e desconhecido papel histórico que ela e outras mulheres desempenharam no cangaço, assim como as mazelas que viveram, precisavam ainda ser narrados” (NEGREIROS, 2019, p. 13).

É neste contexto que o *corpus* desta pesquisa preenche essa lacuna histórica por intermédio da Literatura. Assim, oferece à sociedade “o que sempre foi silenciado: a narrativa do cangaço pelo ponto de vista das mulheres” (NEGREIROS, 2019, p. 12).

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://istoe.com.br/adriana-negreiros-maria-bonita-foi-uma-mulher-empoderada/>. Acesso em: 7 de fev. 2022.

Ainda que se tenham cangaceiras entrevistadas e muitas produções cinematográficas sobre a temática, quase nenhuma delas apresentava os percalços que essas mulheres passavam, mas sim focalizavam em suas supostas “liberdades”, algo beirando, por vezes, o feminismo.

Em outra entrevista, feita ao canal de Marcus Saldanha e intitulada “Adriana Negreiros – História em Debate”<sup>6</sup>, a autora comenta sua pesquisa objetivou construir uma narrativa de forma cronológica e coerente e, para tanto, ela utilizou jornais, anúncios para realizar tanto. Neste diálogo, ela também reafirma sua necessidade em escrever sua uma história feminina no cangaço, mas sem o romantização que novelas e filmes trouxeram.

Isso é enfatizado pelas fontes que estão presentes no final do livro, assim, a obra não é uma ficção retirada da imaginação criativa da autora, mas sim baseado em provas, relatos e fonte confiáveis. Em relação à suas fontes, ela explica ao fim do livro que:

Embora tenha feito uso constante do ceticismo indissociável da prática jornalística, em nenhum momento me permiti duvidar das versões apresentadas por Dadá, Sila, Inacinha, Otilia e tantas outras que foram obrigadas a largar suas famílias para se tornarem cangaceiras. (NEGREIROS, 2018, p. 249).

Ela explica isso porque muitas vezes os relatos dessas mulheres foram tidos como exagerados ou até mentirosos. Logo, compromete-se em respeitar essas fontes. Ademais, na entrevista, ela é caracterizada como uma jornalista e contadora, já que o contar/narrar traz o prazer de ler.

Ademais, Negreiros mostra seu anseio em construir Maria Bonita como Maria de Déa, falando dela enquanto ser humano e mulher, e não como o mito e estátua construídos pelo imaginário comum. Inclusive, o epílogo do livro é intitulado como “Meu amigo, bom leitor/ Eis o que pude historiar/ Não inventei o que escrevi/ Foi do que pude escutar”. Observa-se que cada nome da protagonista carrega uma forma pela qual ela era enxergada e caracterizada: Maria Gomes de Oliveira (seu verdadeiro nome), Maria de Déa (seu apelido) e Maria Bonita (nome colocado pela mídia).

No que tange aos conceitos de personagem, considera-se que estes assim “como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I5YrWgwIqLk>. Acesso em: 7 de fev. 2022.

em face desses valores.” (CANDIDO *et al*, 2000, p. 35). Logo, Maria de Bonita é construída por meio de explicações acerca de ser valores, crenças e posicionamentos.

Ao longo da narrativa é explicado como seu posto de feminista não fazia sentido aos conceitos e vivências pelos quais ela perpassou. Entretanto, mantém-se a admiração do narrador em valorizar a personagem como uma mulher que seguiu seus desejos, separando-se do marido e seguindo Lampião.

Também, entende-se que essa divisão entre a ficcionalização de Maria Bonita e sua figura enquanto sujeito histórico é algo clássico na teoria literária, a qual:

Repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial (...) o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO *et al*, 2000, p. 35).

Portanto, percebe-se que não é simples separar a ficção da realidade, afinal elas são dependes na construção da vida e da Literatura. Ademais, em relação às classificações de personagem, tem-se a mais utilizada, na qual, segundo Foster (1927 *apud* Brait, 1985) é dividida em:

- Personagem plana: possui somente uma única qualidade ou valor.
- Personagem redonda: possui diversas qualidades, é complexa e multifacetada.
- Personagem tipo: alcança o auge da peculiaridade sem atingir a deformação.
- Personagem caricatura: alcança o auge da peculiaridade atingindo deformação.

Dessa forma, analisa-se no corpus desta investigação que Maria Bonita pode ser classificada como uma personagem redonda. Ainda que não existam grandes transformações ao longo da narrativa em relação aos seus valores, ela é complexa e possui características que podem parecer contraditórias:

As temporadas no coito, portanto, não eram de simples descanso para Maria de Déa. Nos esconderijos, em meio a atividades prosaicas como a culinária e a costura, agia como espiã. Quando a oportunidade surgia, agenciava novos homens para o bando (NEGREIROS, 2018, p. 113).

Entretanto, destaca-se que o narrador trata ao longo do livro acerca de diversas histórias das mulheres dentro do cangaço, como Dadá. Assim, Maria Bonita é o ponto

de partida, e referência, para uma discussão maior: a condição feminina dentro do cangaço. Ela é colocada em relação com dois principais personagens: Lampião e as outras mulheres presentes no cangaço. Em relação ao primeiro, é retratado na obra que ela o amava, até onde as fontes históricas podem afirmar e o casal mantinha uma típica relação daquela época:

No subgrupo de Corisco, Dadá era rainha, apesar do cenho fechado e da mínima disposição para representar um império. O posto não a impedia de receber, de vez em quando, insulto de cabras menos poderosos do que seu consorte. De certa feita, escutou de Pancada: “No meio de tanta moça bonita que viu, Corisco acha de casar com uma negona dessa”. Ficou feliz ao ver o marido reagir à ofensa: não matou Pancada, como fizera com o namorado da moça da Paraíba, mas ficou uma fera, destinando-lhe toda sorte de impropérios (NEGREIROS, 2018, p. 69).

Entretanto, suas possíveis experiências de amor coletivo não se davam com as cangaceiras. Para o capitão, os cabras podiam até ser seus homens, mas as mulheres eram deles. Além disso, já adquirira sua Maria de Déa. Portanto, a informação de que todas as mulheres pertenciam a Lampião servia apenas para reforçar sua imagem de maioral (NEGREIROS, 2018, p. 69).

Acerca do segundo ponto, a personagem principal não era empática com as outras mulheres, por vezes, não era bem vista por elas. Por exemplo, Dadá era obrigada:

A suportar a companhia de Maria de Déa. Não tolerava a Rainha do Cangaço desde que a vira, toda cheia de si, ao lado do marido. Considerava-a abusava, ranzinza, orgulhosa, metida a besta e barulhenta. Detestava sua risada quebrada, suas constantes tentativas de puxar conversa e implicava com sua forma de se vestir, ‘arrumadinha como uma boneca’ (NEGREIROS, 2018, p. 65).

Enfim, é retratada a maneira pela qual os jornais da época dissertavam sobre as mulheres e o cangaço. Dentro desse contexto, vê-se uma retrospectiva a fim de trazer maior veracidade aos fatos narrados. Constrói-se, assim, a personagem é escrita por meio do jornalismo, ambiente no qual literatura e jornalismo se fundem.

#### **4 Considerações finais**

Tendo em vista o exposto, algumas considerações podem ser realizadas. Observa-se que o livro parte de fatos históricos, mas é construído com recursos literários, assim, pode ser enquadrado como um livro-reportagem. A partir dessa afirmação, apresentou-se, a partir das categorias de Catalão (2010) que o *corpus* se

enquadra na maioria das características do livro-reportagem contemporâneo. Assim, dos oito aspectos, o livro fica aquém somente da familiaridade

Outro fator relevante apresentado foi a narrativa, desde seu conceito até sua presença na obra. Portanto, Negreiros ao invés de citar datas e acontecimentos, escreve uma narrativa com personagens, tempo e espaço. Assim, por meio de um narrador onisciente, ela apresenta a vida da protagonista e de outras mulheres dentro do cangaço.

Além disso, investigou-se como Maria Bonita foi construída para além de uma figura histórica ou de uma biografia. Percebeu-se que esta cangaceira é tecida como personagem por meio da exposição de seus pensamentos, desejos, bem como os diálogos construídos. Nota-se, nesse aspecto, que a vida da escritora influencia diretamente na construção da narração e da protagonista.

Outrossim, a pesquisa destacou a presença de um livro-reportagem inserido na produção literária atual, analisando suas principais características e promovendo discussões dentro do campo acadêmico-científico sobre um gênero que recebe poucas investigações pela óptica da Literatura.

## **Agradecimento**

Agradecemos à FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão) pelo fomento à pesquisa na produção deste trabalho, o qual provém da Iniciação Científica.

## **Referências**

- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Editoria Ática, 1985.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e Literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CASTRO, Gustavo de. *Jornalismo Literário: uma introdução*. Brasília: Casa das Musas, 2010.
- CANDIDO, Antonio *et al.* *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- CHIAPPINI, Ligia; LEITE, Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CATALÃO, Antônio. *Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo*. 2010, 242 f. Tese (doutorado) - Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. São Paulo.

LEITE, Ligia. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 2007.

LIMA, Edvaldo. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Edição do Autor, 2010.

NEGREIROS, Adriana. *Nos rastros de Maria Bonita*. Entrevista concedida à revista *Cult*. *Cult*, São Paulo. n 242. Ano 22. fev. 2019.

NEGREIROS, Adriana. *A vida nunca mais será a mesma: cultura da violência e estupro no Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

NEGREIROS, Adriana. *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

NECCHI, Vitor. A (im) pertinência da denominação “jornalismo literário”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 1, p. 99-109, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p99>. Acesso em: 16 fev. 2021.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Beatriz. FINAZZI-AGRÓ, Ettore; RESENDE, Beatriz (org.). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

VIANNA, Bianca. *Praia de ossos*. Spotify: Podcast Rádio Novelo, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2Kki0IWqyMWegWAF2mZOg?si=e747f2b13dc2420d>. Acesso em: 18 de dez. 2023.

WEISE, Angélica Fabiane. *Jornalismo Literário: análise de reportagens de José Hamilton Ribeiro na revista Realidade*. *Anagrama*, v. 6, n. 3, p. 1-16, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/52396>. Acesso em: 21 ago. 2021.